

MACHADO DE ASSIS*

No dia 6 houve no hotel do *Globo* uma festa de um caráter novo entre nós. Era o 22º aniversário da publicação das *Crisálidas*, primeiro livro de versos de Machado de Assis, o nosso primoroso escritor; e esse fato serviu de pretexto a alguns amigos e admiradores do incomparável autor de *Brás Cubas*, para lhe significarem o apreço altíssimo em que o têm como escritor e como cavalheiro. Para isso resolveram efetuar naquele hotel uma festa de caráter íntimo, que constou de um fino e distinto banquete. As pessoas presentes eram designadas nos *menus* pela seguinte espirituosa maneira:

Machado de Assis (*Crisálidas*), Ferreira de Araújo (*Lulu Sênior*), Elísio Mendes (*Curso forçado*), Dermeval da Fonseca (*Rialto*), Artur Azevedo (*Elói, o herói*), Belisário de Sousa (*Gambela de Icarai*), Henrique Chaves (*Sinais de taquigrafia*), Alfredo Gonçalves (*Comendador Oliveira Rodrigues*), Carlos de Laet (*Microcosmo*), Castro Rebelo Júnior (*Livro de um anjo*), Raul Pompeia (*Canções sem metro*), Capistrano de Abreu (*Frei Vicente Salvador, tomo I*), Vale Cabral (*Frei Vicente Salvador, tomo II*), Filinto d'Almeida (*Filindal*), Valentim Magalhães (*José do Egito*), Olavo Bilac (*Ouvir estrelas!*) e Paula Ney (*Ceará*).

Ao servir-se o *Champagne*, o Dr. Belisário de Sousa, incumbido de saudar o grande escritor, fez um brilhante discurso, declarando que a escolha do seu nome feita por uma assembleia de homens de letras era mais razoável do que poderia parecer. Ele vinha saudar o Mestre das letras brasileiras, não em nome dos amigos presentes, mas em nome dos leitores ausentes; era como leitor que ele saudava com todo o entusiasmo

* Esta matéria, publicada em *A Semana* (ano II, v. II, n. 93, p. 326-328, 9 out. 1886) ao tempo em que Machado de Assis publicava “A + B” na *Gazeta de Notícias*, relata o banquete que lhe foi oferecido por ocasião dos 22 anos da publicação de *Crisálidas*, seu primeiro livro de versos. No periódico, na primeira página, vinha estampado o retrato do escritor, em gravura de Lopes Roiz – que vem também neste número da *Machadiana Eletrônica*. Edição: Gilson Santos e José Américo Miranda. *A Semana* está disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: < <https://rb.gy/n1yk2o>>.

o burilador de tantas páginas admiráveis, o homem que tinha tido a rara coragem de seguir a sua vocação, caminhando sempre do fito ao alvo, através de todas as dificuldades e a despeito de todas as seduções dos desvios.

O discurso do Dr. Belisário, fluentíssimo, vibrante de eloquência, adorável de simplicidade e de correção, foi saudado por uma prolongada salva de palmas.

Em seguida o Sr. Elísio Mendes propôs que se não levantasse nenhum brinde que não fosse dirigido ao eminente escritor que se festejava, o que rigorosamente foi cumprido.

Machado de Assis agradeceu a prova de alta consideração que recebia naquele momento, dizendo que aquela data seria para ele duplamente memorável: festejava-se o aniversário do aparecimento do seu primeiro livro e... e o seu primeiro discurso.

Em seguida tiveram a palavra os Srs.:

– Valentim Magalhães, que leu um soneto dedicado ao Mestre, escrito na primeira página de um exemplar dos *Vinte Contos*, que em seguida lhe ofereceu.

– Filinto d’Almeida leu uma Ode arcádica oferecida a Machado de Assis.

– Olavo Bilac leu uma belíssima poesia – *A Tentação de Xenócrates*, dedicada a Machado de Assis.

– Castro Rebelo recitou um belo soneto.

– Arthur Azevedo leu algumas cenas da sua brilhante tradução da *Escola de Maridos*, de *Molière*.

– Filinto d’Almeida leu os seguintes espirituosos versos de Dermeval da Fonseca saudando o herói da festa.

“AO CORTE DO MACHADO

O velho molde, antiguado,¹
D’inchada literatura
Foi-se aos golpes do Machado
Vibrados por mão segura.

Romancista: fez *Helena*,
Fez também *Iaiá Garcia*;
Pondo *Brás Cubas* em cena,
Fez também filosofia.

¹ antiguado: o mesmo que “antiquado”, formado historicamente a partir de “antigo”. AULETE digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/antiguado>>.

Fez *Falenas* e fez *Crisá-*
Lidas; fez versos a fundo;
Se na vés'ra tem nascido...
Teria feito este mundo.

Poeta... sabeis que é raro
O que com ele se agarre.
No lirismo doce-amaro
Que o fez o nosso Gayarre...²

Que ele é quase este cantor
Sabe-o ele e ele o diz:
Pois se dá dós o tenor
Ele Machado... d'Assis."

– Carlos de Laet, saudou Machado de Assis como artista da palavra, em nome do Sr. comendador Mafra.

– Valentim Magalhães leu uns versos de Alfredo de Sousa em saudação ao Mestre.

– Raul Pompeia saudou Machado de Assis, defendendo a filosofia pessimista do grande escritor.

– Em seguida, Artur Azevedo saudou Machado de Assis em nome dos seus colegas da secretaria da Agricultura.

– Valentim Magalhães brindou-o em nome das duas atuais folhas literárias do Rio de Janeiro – *A Vida Moderna*³ e *A Semana*.⁴

Durante o banquete foram lidos: Um cartão de cumprimentos de Alberto de Oliveira; uma carta de Manuel da Rocha; outra de Ciro de Azevedo; um telegrama de Raimundo Correia, dirigido a Machado de Assis, nos seguintes termos:

“Saúdo-o e associo-me de coração aos que hoje lhe rendem merecida homenagem.”; outro de Lúcio de Mendonça, assim concebido: “Às saudações que ora recebe, associo-me, caro Mestre, com grande entusiasmo”.

O banquete terminou por outro magnífico discurso do Dr. Belisário de Sousa.

² Julián Gayarre (1844-1890): ator e cantor de ópera basco.

³ Periódico “exclusivamente literário”, cujos redatores eram Artur Azevedo e Luís Murat.

⁴ Periódico de onde reproduzimos esta matéria. Seus redatores eram Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida, A. de Sousa e H. de Magalhães.

Ao fraternal e brilhante ágape do dia 6, em honra de Machado de Assis, associa-se hoje gostosamente *A Semana* com a publicação de um retrato do glorioso Mestre e de todas as poesias a ele especialmente feitas e dedicadas, lidas no banquete.

Todas as honras e todas as homenagens merece o escritor ilustre, que tal se fez à força de talento e de trabalho, tendo partido de uma obscuridade honrosa mas desprotegida. Releia-se o seu primeiro livro, cujo 22º aniversário se festejou no dia 6: – encontrar-se-á nele a originalidade, o senso literário, o gosto artístico, o amor da Forma, a fidalguia da linguagem, a nobreza do sentimento, a espontaneidade e a nitidez de expressão que mais tarde, acentuando-se e desenvolvendo-se, deviam colocar o autor das *Crisálidas* na culminância radiosa e inacessível da nossa literatura, que só poderia erradamente ser chamada – pobre, quando porventura não possuísse, a enriquecê-la prodigamente, o poeta que escreveu *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas* e o prosador que deu a lume as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *A mão e a luva*, *Iaiá Garcia*, *Papéis avulsos*, *Histórias sem data* e outros primores; o jornalista que tem ilustrado os pseudônimos de *Eleazar*, *Lélio*, e, atualmente, na *Gazeta de Notícias* o de *João das Regras*.

Machado de Assis é rigorosamente um – mestre. Foi da geração de Muzzio, Otaviano, Serra, Pedro Luís, Alencar, Luís Delfino, Gentil Braga... e é da geração de Lúcio de Mendonça, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Teófilo Dias, Olavo Bilac, Luís Murat, José do Patrocínio, Artur e Aluísio Azevedo, e tantos outros...

Dizer isto é fazer em poucas palavras a história da sua carreira gloriosa e assinalar-lhe tacitamente o primeiro lugar na assembleia dos escritores brasileiros. É o mestre; é o primeiro. E, considerado quanto à originalidade de sua obra, é o – único.

Honremos, pois, o seu nome.

Posteriormente publicaremos a primorosa poesia de Olavo Bilac *A tentação de Xenócrates*, dedicada a Machado de Assis e cuja leitura encantou os convivas do banquete do dia 6.



MUSA CONSOLATRIX

(1864)

Que a mão do tempo e o hálito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
É no teu seio amigo e sossegado
Que o poeta respira o suave sono.

Não há, não há contigo,
Nem dor aguda, nem sombrios ermos;
Da tua voz os namorados cantos
Enchem, povoam tudo
De íntima paz, de vida e de conforto.

Ante esta voz que as dores adormece,
E muda o agudo espinho em flor cheirosa,
Que vales tu, desilusão dos homens?
Tu que podes, ó tempo?
A alma triste do poeta sobrenada
À enchente de angústias;
E, afrontando o rugido da tormenta,
Passa cantando, alcíone divina.

Musa consoladora,
Quando da minha fronte de mancebo
A última ilusão cair, bem como
Folha amarela e seca
Que ao chão atira a viração do outono,
Ah! no teu seio amigo
Acolhe-me, – e terá minha alma aflita,
Em vez de algumas ilusões que teve,
A paz, o último bem, último e puro!

(Das *Crisálidas*)
MACHADO DE ASSIS.

A MACHADO DE ASSIS

Honremos altamente esse que ensina
A subjugar os metros revoltosos;
Esse que torna os ares sonoros
Com a doce voz da lira peregrina;

Esse que da Poesia os puros gozos
Liberalmente aos corações propina;
E tem da Forma a religião divina
Apostolado aos crentes sequiosos;

Esse que arranca aos rígidos vocábulos
A música rebelde e fugidia;
Que da língua os diamantes corta e lavra

E tange à Rima os áureos tintinábulo.
Honra ao mestre da Prosa e da Poesia,
Ao vencedor da Ideia e da Palavra!

VALENTIM MAGALHÃES.

6 – outubro⁵ – 1886

LIRA DA ARCÁDIA

ODE

AO AMIGO E MESTRE MACHADO DE ASSIS, POR OCASIÃO DO BANQUETE
QUE LHE FOI OFERECIDO PELOS SEUS AMIGOS, EM O DIA SEIS DE OITUBRO,
ANIVERSÁRIO DA PUBLICAÇÃO DAS SUAS “CRISÁLIDAS”.

Eu, que jamais cantei na lira obscura
Mérito falso, duvidoso nome;
Eu, que esta lira pobre
Jamais tangi para exaltar vanglórias,
E que, à lisonja avesso, emudecido
Prefiro estar a estar entoando loas
A quem não as merece;
Eu, afeito somente →

⁵ outubro: forma, ainda usada pelo povo, de “outubro”. AULETE digital.

A vibrar do laúde⁶ as cordas brandas
Para dizer de amor ou de ternura
 Harmoniosos carmes;
Eu, para quem silvestre avena soa
Melhor que a tuba sibilante e forte
De épicos feitos, de batalhas rudas;
 Eu, que as Musas invoco
 E invoco o cínio Nume
– Que, no carro tirado da quadriga
Impetuosa e ardente, os céus percorre,
O diurno calor lançando à terra
 E não raio trissulco
 Tal como o Deus tonante, –
Só para as queixas d’alma dolorida,
Ou para as boas alegrias d’alma
 Dizer em verso brando,
De flores frescas todo afestado,
Rescendente de aroma, enaltecido
 De íntimo sentimento;
 Eu, que em trovas misturo
Risos e prantos, dores e prazeres,
E que só sei cantar de amor e flores,
– Hoje vibro da lira a corda intacta
 Do louvor – que o mereces,
 Tu, altíssimo vate,
Exímio bardo, prosador excelso!

A tua lira de oiro sonora
– Do estro brasíleo glória imorredora,
 Tua lira inexausta,
De cordas tersas, de afinadas cordas,
Vibra todos os sons aos Numes gratos.
E quando ao Pindo ascendes,
 A turba dos poetas
Os instrumentos próprios dependura
Só para ouvir teu canto melindroso,
 Delicadas endechas,
Cultos sonetos, odes florejantes,
Riquíssimos poemas, rendilhados
De finos arabescos e de rimas
 Peregrinas e nobres,
 De esquisitos conceitos,
De Forma casta, de arte primorosa!
 A tua ínclita pena
Que os versos borda, igual aos versos traça →

⁶ Forma aferética de “alaúde”?

Prosa fidalga, prosa enobrecida
Pelo estudo cuidadoso da materna
Tão maltratada língua.

O ceticismo, às vezes,
Teus fulgurantes quadros enegrece,
Mas, é tal o matiz de que os enfeitas,
E a gradação das cores
É de tal jeito variada e rica,
Que a gente diz de si consigo: “O Mestre
Sabe que o ‘stilo é pássaro canoro
Que só quer a plumagem
Do adjetivo sóbrio;
O derramado ‘stilo não lhe assenta,
Como o dizer perluxo lhe não cabe.”

Se os castiços vocábulos enliças,
Com tal destreza o fazes,
Que nunca da teada
A urdidura se vê na trama fina.
À tua voz um Duende azul, que embosca
Nos roseirais os silfos,
Salta do livro, trasgueando em frente
Dos olhos pasmos do leitor sisudo.
São de ver as diabruras do maroto
Do Trasgo imponderável
E intáctile, que já, folgando, avança
Em crebros passos, a compor visagens;
Já trasflorando vai com sumo engenho
Atra filosofia
Entre cheirosas flores;
Já de invenções originais e novas,
De inopinos assuntos não sabidos,
Éreas placas burila.
Parece-me, este Lêmure, o teu gênio
Operoso, cantor de *Americanas*
Lendas, que, das *Crisálidas*, *Falenas*
Tiraste e derramaste
Por esse espaço infindo,
Como uma chuva de oiro e pedrarias
Qu’inda hoje os montes consagrados cobre
De luminosos, rútilos pingentes.⁷
Por isso, aqui agora,
Neste ágape fraterno,
De irmãos em letras contorneado, amigos →

⁷ Em *A Semana*, o verso seguinte vem em alto de coluna. Divisão de estrofe?

Todos, todos no mesmo lume acesos
Do louvor, do elogio, não comprado
Mas leal e sincero,
D'alma vindo e nascido;
Por isso, avoco à Arcádia antiga as Musas
Dos maiores das odes portuguesas
Para cantar de ti: Seja o Passado
Que o Presente proclame!
Eu, que sou do Futuro
Inda talvez, em duro verso e crespo
De loiros te engrinaldo a larga fronte,
Cantor instructo, Conselheiro claro,
Sábio, consulto Mestre!

6 de outubro de 1886.
FILINTO D'ALMEIDA

A MACHADO DE ASSIS

*“Sinto que há na minh'alma um vácuo imenso e fundo”⁸
Disseste; e hoje, poeta, eu vejo que este Nada
De que falaste abriu-se, aos véus de uma alvorada,
Em rutilante mundo!*

*Mundo onde o Metro impera, onde a Estrofe domina,
Onde a Rima se fez em pássaro doirado
E canta, reanimando, esplêndida, divina,
O belo Verso alado!*

*Mundo cheio de amor, onde é sempre a Palavra
Trabalhada a buril como as pedras preciosas,
Em que as sílabas são facetas luminosas,
Onde o talento lavra.*

*Esplendoroso mundo! A doce claridade
Da Inspiração – o Sol – banha-o a cada instante!
Mundo brotado à voz do Bem e da Verdade,
Invejável, triunfante!*

⁸ Primeiro verso do poema “Aspiração”, de Machado de Assis, dedicado a Faustino Xavier de Novais, publicado em *O Futuro* (1862) e, depois, em *Crisálidas* (1864).

Machado de Assis.

*Mundo que te obedece, em que andas repartido,
Pois foste o criador desse imenso tesouro,
Que há de falar de ti quando o teu plectro de ouro
Calar-se, adormecido!*

6-10-86.

ALFREDO DE SOUSA.